REUNIÃO DO COSAG

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS NO MUNDO E NO AGRO BRASILEIRO

A reunião do Conselho Superior do Agronegócio (Cosag) foi realizada em 1º de março último, na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

ABERTURA



JACYR COSTA FILHO

Membro da Diretoria do Grupo Tereos e presidente do Cosag/Fiesp

Na reunião, teremos duas apresentações que nos brindarão com informações e análises oportunas bem interessantes. Na primeira parte, teremos a participação de Mário Mesquita, economista-chefe do Itaú e doutor em Economia pela Universidade de Oxford. Agradecemos de maneira especial a Pedro Fernandes, que viabilizou a presença do ilustre palestrante.

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS NO MUNDO



MÁRIO MESQUITA

Economista-chefe do Itaú Unibanco

Até o momento, a grande novidade do ano foi a mudança na esfera política dos Estados Unidos. O Partido Democrata, do presidente Joe Biden, também ganhou as eleições para o Senado no estado da Geórgia. Com isso, passou a ter o controle do Senado. Isso viabilizou a aprovação de um grande pacote de estímulo fiscal, no valor de US$ 1,9 trilhão, além da verba já aprovada no governo Trump, de US$ 900 bilhões.

Como há probabilidade de a economia americana passar da recessão para o superaquecimento, a taxa de juros nos títulos americanos de dez anos – uma das mais importantes da economia mundial – começou a subir. Esse movimento mostra uma perspectiva de caminho em direção ao crescimento da taxa de juros.

A vacinação começou lenta na maioria dos países, com exceção de Israel, mas acelera no Reino Unido, nos Estados Unidos e na Europa. Nos emergentes, a situação está pior, com boa parte da população ainda sem imunização. No Brasil, a primeira onda de COVID-19 teve um impacto muito grande sobre a economia: muitas atividades foram limitadas, como a construção civil, enquanto as empresas tiveram de aprender a trabalhar com *home office*.

Para este ano, espera-se uma volta positiva no Produto Interno Bruto (PIB) nacional (4,0%), em comparação a uma retração de 4,1% em 2020, embora a evolução da pandemia dificulte acompanhar e compilar as estatísticas. O impacto do surto foi heterogêneo e variável entre as atividades. O grande setor de serviços tende a demorar mais para se recuperar quando comparado à indústria, com uma dinâmica de recuperação em forma de V. Nesse aspecto, o agro possui muita resiliência, e as perspectivas são de uma forte alta nos investimentos, em função da correlação entre estes e os preços das *commodities*, sejam metálicas ou agrícolas.

O calcanhar de aquiles do Brasil é a conhecida situação fiscal. Não há margem para o Governo arcar com as despesas do programa de auxílio emergencial das populações de baixa renda dentro do teto de gastos. Seria preciso que houvesse três frentes: a primeira seria para cortar as horas trabalhadas; a segunda seria para privatizar ou extinguir as chamadas estatais dependentes e sustentadas pela Secretaria do Tesouro Nacional (STN); e, por fim, a terceira seria voltada para reorganizar os programas sociais existentes com crédito extraordinário, por meio de uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC). Teremos, portanto, um período tenso pela frente.

BRASIL: PROJEÇÕES MACROECONÔMICAS

ITEM	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
1. Atividade econômica							
PIB (%)	-3,3	1,3	1,8	1,4	-4,1	4,9	2,5
Desemprego (milhões de pessoas, em dezembro)	12,7	12,4	12,1	11,3	14,7	14,2	13,3
2. Inflação							
IPCA* (%)	6,3	2,9	3,7	4,3	4,5	3,8	3,3
IGP-M** (%)	7,2	-0,5	7,5	7,3	23,1	7,5	4,0
3. Política monetária							
Taxa Selic (%)	13,7	7,0	6,5	4,5	2,0	5,0	5,0
4. Contas públicas							
Resultado primário (% do PIB)	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,5	-2,5	-1,5
Dívida bruta (% do PIB)	69,9	73,7	75,3	74,3	87,7	83,8	83,0
5. Balança de pagamentos							
Câmbio (R$/US$, em dezembro)	3,26	3,31	3,88	4,03	5,19	5,00	5,00
Conta-corrente (% do PIB)	-1,3	-0,7	-2,2	-2,7	-0,9	0,2	-0,7

*Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo; **Índice Geral de Preços - Mercado
Fonte: IBGE; BCB; BBS; Itaú

É interessante olhar a história do real do ponto de vista da variação do dólar e do ajustamento pela taxa de inflação. Tivemos a decretação da moratória com suspensão do pagamento dos juros (1987), o câmbio fixo durante a implantação e a sedimentação do Plano Real (de 1994 a 2001), as crises financeiras internacionais (2002 e 2008) e o processo de *impeachment* da presidência (2016). Esses contextos provocaram deslocamentos entre o real, os fundamentos internacionais e os movimentos globais.

O desequilíbrio fiscal influencia bastante o *credit default swap* (CDS), que indica o risco do País diante da subida nas taxas de câmbio e de inflação, mesmo com a operação ociosa da economia. Houve, também, um movimento de alta nas *commodities*. O IGP-M e o IPCA correm no mesmo sentido de elevação. O risco Brasil, que, antes do *impeachment,* em janeiro de 2016, estava com mais de quinhentos pontos, está, agora, abaixo de duzentos. Mas, se ele voltar para quinhentos, o câmbio dispara para cima.

Consideramos que a taxa de inflação seguirá pressionada praticamente o ano todo, sendo que o IPCA deverá passar boa parte desse tempo acima do teto da meta. Com o sinal de alerta a piscar, o Banco Central do Brasil (BCB) começará a subir a taxa de juros, que poderá chegar até 5%. Esse será um ajuste importante para segurar as expectativas, ainda mais diante da outra rodada de auxílio emergencial, com repasse de verba para a população de baixa renda.

Nessa trajetória esperada, aguarda-se uma alta gradativa da Selic, mas ainda abaixo do seu histórico. Especula-se sobre o tamanho do corte excessivo que houve na taxa durante a pandemia, momento em que a necessidade de reagir era

BRASIL: DESPESAS FISCAIS *VERSUS* TETO DE GASTOS
(R$ MILHÕES)

ITEM	2018	2019	2020	2021	2022
Gastos obrigatórios	26	34	52	1	13
Gastos discricionários	69	69	65	65	69
Novos gastos	–	–	–	–	16
Teto de gastos	1.253	1.305	1.338	1.420	1.489
Despesas fiscais	1.348	1.408	1.455	1.486	1.587

Fonte: STN; Itaú

iminente, pois o próprio Fundo Monetário Internacional (FMI) chegou a projetar uma queda no PIB de 9% no ano passado. No segundo trimestre, havia um certo pânico em relação à temeridade de uma baixa na atividade econômica.

O regime da meta de inflação não é uma panaceia econômica, mas serve bem ao Brasil, que possui um histórico inflacionário muito complicado. Em 2020, ano de recessão forte, a inflação foi de 4,5%. Quando há um choque de pressão externa, podemos cortar a taxa de juros e deixar a economia respirar, mas, no início do Plano Real, subimos a taxa de juros para diminuir o consumo e conter a inflação. Apesar de não resolver todos os problemas, o regime monetário ajuda a lidar com choques. Durante essa pandemia, o BCB tem reagido de forma anticíclica, para estimular, em vez de contrair, a economia.

O Governo mobilizou-se pela eleição dos presidentes do Senado e da Câmara. Parada há muito tempo, a questão da autonomia do BCB foi aprovada na gestão de Arthur Lira

como presidente da Câmara. Assim, devemos ter uma articulação melhor entre o Governo e o Congresso Nacional. A capacidade de bálsamo para o auxílio emergencial vale tanto para a atividade econômica, quanto para a popularidade do próprio presidente. Nesse tema, para o Governo, talvez, a dúvida seja mais de articulação entre as suas chamadas alas política e econômica do que em relação ao Congresso.

Sobre as reformas, o Governo terá de priorizar. Passada essa discussão de auxílio emergencial, virá outra janela de alguns meses para aprovar algum pacote. Para nós, escolheríamos como prioridade o sistema tributário, considerado muito ruim e complicado para o crescimento da economia. Ficaremos preocupados se o Governo apresentar uma lista grande de prioridades.

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS NO AGRO BRASILEIRO

JACYR COSTA FILHO

Para prosseguirmos com a segunda parte da reunião, passamos a palavra a Marcos Fava Neves, nosso conselheiro, formado pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), com Doutorado pela Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA/USP), além de Mestrado no IGIA, na França, e Doutorado na Universidade de Wageningen (WUR), na Holanda. Possui uma participação importante não só na divulgação do agro, mas também na defesa e no esclarecimento do agronegócio perante a sociedade brasileira e nas suas discussões com a Academia.



MARCOS FAVA NEVES

Professor titular do curso de Administração da FEA/USP e da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EAESP)

Trouxemos algumas informações do período entre as safras 2010/11 e 2020/21 para cinco produtos. Quanto à participação no mercado de exportação mundial de grãos, chegamos, nesse período, a 50% na soja, crescemos quatro vezes no algodão e quase dobramos no milho. Na proteína animal, lideramos tanto no frango – tendo aumentado a distância em relação aos Estados Unidos –, como no bovino – com maior diferença em relação à Austrália, à Índia e aos Estados Unidos. Poderíamos citar, ainda, as lideranças tradicionais ocupadas no mercado mundial pelo suco de laranja (+85%), pelo açúcar (+45%) e pelo café (+50%).

A Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa) merece destaque pela organização do movimento Sou de Algodão e pela divulgação da marca Cotton Brazil. Com a abertura do escritório comercial da Associação em Singapura, novos mercados serão desenvolvidos. No milho, há o trabalho da Associação Brasileira dos Produtores de Milho (ABRAMILHO), no aumento da produtividade, e da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (ANEC), para incrementar os embarques externos. Já a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC) e a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) trabalham, com apoio da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), para promover os produtos nacionais.

As estatísticas da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, na sigla em inglês) mostram

EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS
(MILHÕES DE TONELADAS)

PRODUTO	Brasil		Mundo		Participação do Brasil no mundo (%)	
	2010/11	2020/21	2010/11	2020/21	2010/11	2020/21
Soja	29,9	85,0	91,6	169,7	32,7	50,1
Algodão	0,5	2,2	8,4	9,5	5,8	22,7
Milho	11,6	40,5	91,7	184,2	12,6	22,0
Frango	3,3	3,9	9,9	12,1	33,0	32,3
Bovino	1,3	2,7	7,8	10,8	16,8	24,9

Fonte: USDA

a evolução nos preços das *commodities* agrícolas. Vínhamos com uma produção anual de grãos acima do consumo. Nos últimos dez anos, o consumo passou de 2,3 bilhões de toneladas para 2,8 bilhões. São cerca de 50 milhões de toneladas por ano. A partir de 2016, há uma reversão nessa curva e o estoque começa a se reduzir.

As projeções da FAO para o horizonte de 2020 a 2029 mostram a balança comercial do agro por região no globo. A América Latina e o Caribe deverão reforçar a sua posição de principais fornecedores mundiais de *commodities* agrícolas, com um crescimento nas exportações líquidas de 1,7% ao ano, enquanto a América do Norte deve expandir com ritmo mais lento, de 1,3% ao ano. A comida sai das Américas e vai em direção à Ásia e à África, cujas perspectivas são de crescimento no consumo e nas importações.

MUNDO: EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES
(MILHÕES DE TONELADAS)

PRODUTO	2019	2029	Variação (%)
Soja	148,8	186,4	25,3
Bovino	10,7	12,3	14,9
Frango	8,9	13,1	47,2

Fonte: USDA

PERSPECTIVAS FAVORÁVEIS PARA O BRASIL

Na soja mundial, crescerão as importações (25,3%) e as exportações (25,3%), enquanto, na proteína animal, também aumentarão as importações nas carnes bovina (14,9%), suína (47,2%) e de frango (35,7%).

As perspectivas são muito favoráveis para o Brasil continuar essa expansão de área, de modo que o País poderá, nos próximos quinze anos, ter uma expansão em torno de 15 milhões de hectares novos, extraídos dos 160 milhões de hectares explorados atualmente pela pecuária.

Com muita força, a bioenergia aparece como uma alternativa limpa e amiga do meio ambiente. Os chineses acabaram de montar um duto para importação do etanol americano, com algumas províncias adotando a mistura de 10% do etanol na gasolina (E10). Isso diminuirá a pressão das suas vendas no mercado brasileiro e abrirá espaço para a exportação de etanol de milho e de cana do Brasil. Já a Índia, com o seu grave problema de poluição, também substituirá a gasolina por etanol de cana-de-açúcar, processo previsto para 2025 e que consumirá 12 bilhões de litros de etanol.



SHUTTERSTOCK



SHUTTERSTOCK

No Canadá, a província de Ontário colocou como meta para 2030 a mistura E15 para o combustível renovável, enquanto o novo governo americano, com o posicionamento de Tom Vilsack, secretário de Agricultura, mostra uma inclinação aos biocombustíveis. Já o Reino Unido anunciou a adoção de E10 para setembro deste ano ainda.

No Brasil, precisamos incrementar as ações para assumirmos um protagonismo como fornecedor mundial sustentável de alimentos, biocombustíveis, bioenergia e outros agroprodutos. Junto das contribuições da Abrapa, da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (UNICA), da ANEC, da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE), da Associação dos Produtores de Soja e Milho de Mato Grosso (Aprosoja) e de outras entidades, devemos incluir nessa agenda o cooperativismo.

Existem muitos exemplos a serem citados. Na badalada feira Anuga, na Alemanha, vemos a tentativa de diversificação de produtos pelas nossas grandes empresas. No suco de laranja, a Citrosuco, nos Estados Unidos, possui um duto para atender a Coca-Cola, enquanto a Louis Dreyfus, em *joint venture* com a Luckin Coffee, coloca direto o suco no varejo. Em Xangai, o chinês escolhe o corte e é servido nos moldes brasileiros, com bife na hora. Os frigoríficos passam a ser empresas de *food service*, com apresentação de pescados e vegetais congelados. Na cana-de-açúcar, empresas organizam a *supply chain* e outras desenvolvem o trabalho de produção e industrialização do agro. Em suma, essas possibilidades representam oportunidades para expandirmos os US$ 100 bilhões arrecadados em divisas anuais com as exportações das *commodities* tradicionais.

ADOÇÃO DE MODELOS E PADRÕES SUSTENTÁVEIS

Definitiva e internacional, teremos de colocar muito esforço na questão da sustentabilidade. O Reino Unido avança nos marcos regulatórios, com maiores cobranças e compromissos das empresas da *supply chain*. O Brasil cumprirá as legislações e aumentará a cobertura vegetal, como estão fazendo os estados do Paraná e de São Paulo. Enquanto modelo de fornecedor mundial sustentável, temos como proposta que os sites das entidades mostrem os indicadores mapeados pelas cadeias produtivas, para que estejamos nos estandes das feiras internacionais.

Além de termos as menores taxas de emissões *per capita* do mundo, mantemos dois terços do território nacional preservado, diante da presença e do enquadramento no Código Florestal do Brasil. Economia circular, binômio entre etanol de cana e de milho, integração Lavoura-Pecuária-Floresta

(iLPF), tratamento de resíduos e bioinsumos inovadores, entre outras, são atividades sequestradoras de carbono. Para os negócios de pequeno e médio portes, recomendamos as certificações Fair Trade, bem aceitas nos países desenvolvidos.

Na corrida comercial, como devemos caminhar nas duas pistas da avenida, somos a favor de exportar tudo que os consumidores quiserem comprar, o que significa participarmos mais dos mercados. O portfólio vai dos produtos tradicionais aos prontos, alinhados a digitalização, *storytelling* e outras novidades. Com comunicação mais fluida, a capacidade de encontrarmos clientes torna-se mais forte. Há cinco anos, não falávamos sobre os *marketplaces*; hoje, eles estão presentes em todos os lugares. Esse modelo de negócio eletrônico oferece vantagens para o consumidor, pois reúne diversas marcas e lojas num só lugar, de modo a facilitar a vida do cliente na procura pelos melhores produto e preço.

Com a grande saída recente de produtos do Brasil para o mercado externo, principalmente em virtude da desvalorização do real, a situação de abastecimento do mercado interno ficou delicada. É o caso do custo das rações para fazer frente aos preços aquecidos do milho e da soja devido às suas exportações. Para aumentar a oferta e atender essa demanda crescente, a indústria deve fazer mais investimento na correção do desajuste temporário na cadeia produtiva. Nessa pandemia, em mercados específicos de alimentos, cresce a oferta de produtos encaixotados em papelão para chegar às gôndolas dos supermercados.

A conectividade no campo é um fator fundamental e diferencial para a competitividade. Na China, as inclusões e os benefícios para as populações chegam pela rede de internet. As pessoas das pequenas vilas se tornam empresárias porque as propriedades ficam mais eficientes dos pontos de vista econômico e tecnológico. Elas assistem a vídeos e têm aulas de aprendizagem. Nessa área, o Brasil caminha, mas precisaria de uma aceleração maior. Trata-se de uma política pública de interesse total da sociedade!

Na exportação de grãos e de produtos prontos, cabe um esforço das empresas, sejam pequenas, médias ou grandes, em cada uma das cadeias produtivas. O ente público precisaria chegar aos potenciais exportadores de alimentos e identificar as barreiras, se de natureza comercial, tributária ou de infraestrutura, entre outras.

ENCERRAMENTO



ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV (FGV Agro), embaixador especial da FAO para as Cooperativas e titular da Cátedra de Agronegócios da Esalq/USP

Ouvimos duas exposições otimistas e valorosamente favoráveis ao País e ao agro. Tivemos uma reunião otimista, favorável e positiva. Isso nos enche de esperança e ânimo para seguirmos tocando a vida para frente. Se é para sugerirmos alguma coisa, mesmo que já tenhamos feito mais de uma reunião sobre o tema político no Brasil, achamos que o nosso maior problema é nosso mesmo. Aqui, falamos, diversas vezes, sobre a questão recorrente do desmatamento ilegal. Esse litígio é nosso, e cabe a nós corrigi-lo.

Mas nos deparamos com outras dificuldades que estão começando a se consolidar no horizonte e que têm caráter eminentemente político. Não se trata só das reformas. Reiteramos – pois já falamos disso – um assunto que nos assombra: o maior fantasma que nós temos hoje no Brasil, politicamente falando, chama-se reeleição. Precisamos acabar com esse processo.

Tratamos em diversas ocasiões e fizemos várias discussões sobre as reformas tributária e previdenciária, porém a reforma política tem de ser encarada com um maior vigor pela sociedade brasileira. É preciso acabar com a reeleição, fazer coincidência de mandatos, reduzir partidos políticos e partir para um processo vigoroso de privatizações para valer mesmo, com coragem e determinação. E, só então, faz sentido a reforma tributária. O nosso primeiro palestrante deixou muito claro o quanto o ranço do equilíbrio fiscal ainda é uma assombração para todos nós.

Queremos elogiar muito a iniciativa do Jacyr para essa reunião de exposições favoráveis, amistosas e otimistas sobre o futuro. O desequilíbrio fiscal, a reeleição, a reforma política e as privatizações são temas para perturbar esse otimismo favorável que o Brasil tem agora, sobretudo no agronegócio. Não podemos ficar quietos dentro desse cenário. ■